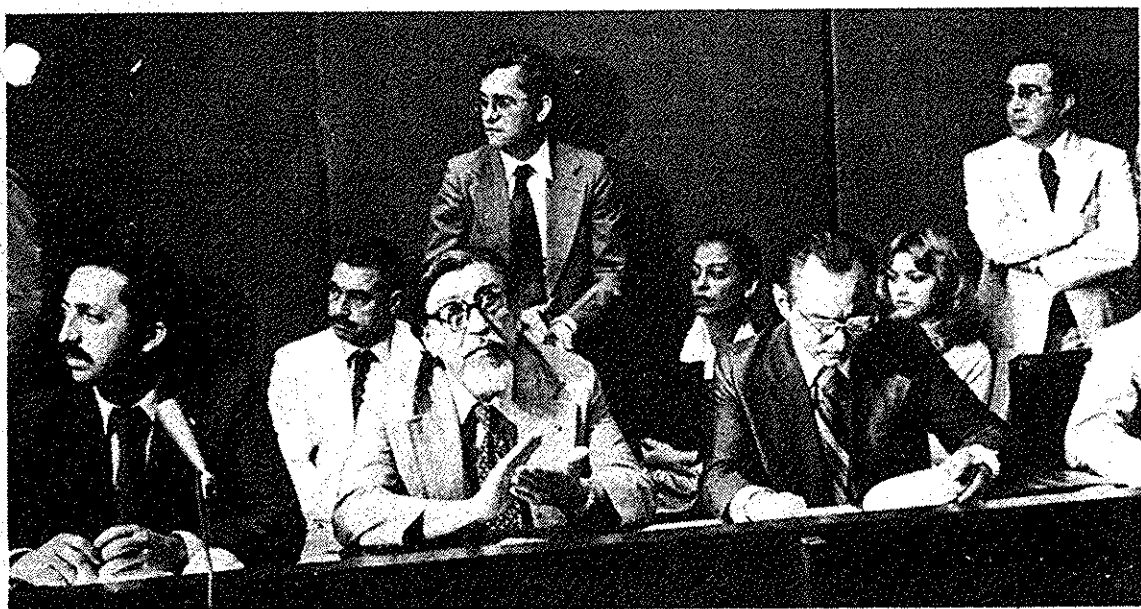


POLÍTICA INDIGENISTA

# FUNAIE DESMASCARADA NO CONGRESSO NACIONAL

Memélia Moreira

Cel. Nobre  
da Veiga  
acuado pelos  
Deputados  
da oposição.



O sertanista Orlando  
Villas-Boas foi o único  
a bater palmas a  
FUNAI. (Fotos: Marco  
Antônio Mendes -  
SBI).

Pouco à vontade, cercado de deputados da oposição, o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, foi depor na Comissão de Interior da Câmara dos Deputados dia 17 de setembro. Com ele, um séquito de cinco coronéis e assessores, inclusive um sertanista que já se tornou folclórico: Orlando Villas-Boas, que em troca de uma aposentadoria defende hoje opiniões que antes atacava.

O depoimento começou às dez da manhã. O coronel Nobre da Veiga decidiu que não faria nenhuma exposição, apenas responderia às perguntas formuladas pelos deputados. Para responder às perguntas dos deputados do PDS não houve problema. Tanto Hélio Campos como Júlio Martins (esse último eleito com votos de desavisados Makuxi) e o coronel Nobre da Veiga partilhavam da mesma opinião: é preciso reformular os critérios de demarcação dos territórios indígenas. Enquanto Hélio Campos dizia que os dois parágrafos do artigo 198 da Constituição "fogem da nossa capacidade de aceitar", Júlio Martins lamentava a presença de Makuxi na reserva Ouro em Roraima, "onde vivem 30 fazendeiros".

## ARTIGO IMPLACÁVEL

Nobre da Veiga não se fez de rogado. Ouvindo aquilo que defende, rebateu: "O posicionamento de Vossa Excelência (dirigindo-se a Hélio Campos) é muito justo. As constitui-

ções desconhecem transações anteriores. Uma vez declarada a imemorialidade, a terra presta-se ao artigo 198 que é implacável. A Funai tomava deliberação sem consultar ninguém. Como não podemos contrariar a lei, procuramos minimizar seus efeitos consultando órgãos interessados como o IBDF, Sema, In-cra e Governos estaduais".

A frase do presidente da Funai, tutor das nações indígenas brasileiras, provocou um jovem deputado pernambucano, Roberto Freire, do PMDB. Embora não esteja diretamente envolvido com a causa indigenista como o deputado Modesto da Silveira (PMDB-RJ), Freire, advogado, não resistiu e também não deixou espaço para respostas, apenas fez ver ao coronel que "exatamente os que sustentam os mais duros dos regimes desobedecem a lei. A lei não é violenta nem dura, é simplesmente a lei. O trabalho do tutor é defender na integralidade o direito do tutelado".

Até aí o ambiente corria sem agressividade pois as intervenções embora cáusticas não tinham sido tão diretas. Roberto Freire contestou ainda o coronel Zanon Hausen que pretensamente deseja criar um "indicador de identidade". Hausen, o coronel do Departamento Geral de Planejamento Comunitário, que insiste em emancipar alguns índios que pretendem trabalhar na Funai, não acredita que os Tupiniquin, Pankararé, Truká, Xokó e

outros sejam índios. Para ele índio é quem vive do paralelo 11 para cima e desde que assumiu a Funai seu lema é estabelecer a étnia.

Para responder ao coronel que pretende assumir todas as funções da Funai (além do DGPC ele dirige também o Departamento de Transportes Aéreos-DTA) substituindo antropólogos e sertanistas demitidos, Roberto Freire lhe disse que "a definição de índio existe e qualquer antropólogo pode dizer quem é e quem não é índio". E não deixou também que os coronéis usassem de demagogia quando afirmam que defendem as terras indígenas contra os posseiros. Freire foi mais adiante e observou que o presidente da Funai "se preocupa mais com o posseiro quando deveria se preocupar com os fazendeiros. Diz que é difícil retirar posseiros porque deve reassentá-los mas retira os índios como os Truká".

Não houve mais respostas coerentes. Os coronéis começaram a ser acuados e embora com o respaldo de documentos apresentados pelo procurador jurídico do órgão que tentava inultamente afirmar que a Funai defende os índios e se interessa em esclarecer os casos de assassinato, nem mais um parlamentar acreditava nas histórias contadas. Mesmo sem informações básicas, os deputados conseguiram desnudar os nove meses da administração do coronel Nobre da Veiga.

## SEM RESPOSTA

Não houve resposta convincente para nenhuma das perguntas que misturaram tanto a política indigenista como assassinato de índios e demissão de funcionários. Nobre da Veiga tentou mais uma vez se defender contra a sumária demissão do sertanista Porfírio de Carvalho, presidente da Sociedade Brasileira de Indigenistas mas sua tática não funcionou: acabada a leitura do telex enviado por Porfírio protestando contra três demissões de funcionários da Funai ocorridas em maio, os parlamentares aplaudiram o texto do sertanista classificando-o como um "texto digno, de uma pessoa honesta".

Sem resposta também ficou o problema de corrupção da Funai, a presença da funcionária Laia Mattar Rodrigues que, depois de indicada em processo, recebe como prêmio um FAS (Função de Assessoramento Superior), cargo entregue a funcionários que prestaram "algum serviço" de interesse de ministros de estado ou mesmo presidentes de órgãos do segundo escalão, cujos salários, de acordo com a nova tabela salarial, são "negociáveis".

O problema da corrupção foi levantado por Jackson Barreto (PMDB-SE) e Carlos Bezerra (PMDB-MT). Bezerra lembrou que "nenhum funcionário foi demitido por corrupção, ao contrário, Laia Mattar é hoje premiada".

## RAIVA DOS CORONEIS

Nobre da Veiga à medida em que ia ficando sem resposta irritava-se com sertanistas e jornalistas que assessoravam os deputados enviando-lhes perguntas e explicações. Os coronéis presentes também não conseguiam exibir mais nenhum sorriso. Zanon mal olhava para a direção dos deputados e o coronel Pagano, diretor do Departamento Geral de Patrimônio Indígena, conversava e disfarçava o mal-estar e o constrangimento tudo que se passava e sem entender as razões que levavam os parlamentares a desafiar o coronel João Carlos Nobre da Veiga, o sertanista Orlando Villas-Boas cochilava, como é seu costume. Sua única interferência durante o depoimento mostrou o quanto o sertanista não sabe quem está assessorando. Ele se colocou contra a emancipação, a integração, sem saber que esta é a política adotada pelos coronéis da Funai. Mas o que Orlando fez mesmo o tempo todo foi cochilar e depois do depoimento perguntar "por que vocês protestam contra todo mundo? Queriam um Jesus Cristo dirigindo a Funai? Garanto que se tivesse um Jesus Cristo vocês também estariam brigando".

E depois de sete horas, o coronel Nobre da Veiga saiu da Câmara dos Deputados. Embora nenhum parlamentar estivesse satisfeito com as respostas o regimento interno do Congresso Nacional exige que o presidente das comissões repita as palavras de praxe: agradecimentos e satisfação.

Mesmo com as palavras tranquilizadoras do deputado Inocêncio Oliveira, o coronel Nobre da Veiga não se acalmou. Saindo da Câmara ele foi ao ministro Andreazza fazer um relatório sobre a Comissão do Interior e a partir daí a Funai se fechou ainda mais: os jornalistas devem marcar as entrevistas com antecedência e o próprio coronel não esconde a raiva contra os que assessoraram os deputados.

Os trabalhos da comissão do Interior em relação aos problemas indígenas não se encerraram. O próximo convocado da Funai será o coronel Zanon Hausen que deverá explicar sua "filosofia indigenista" e o "indicador de identidade", o que será bastante difícil por mais arguto que possa parecer o coronel, pois ele não tem qualquer formação antropológica e seus contatos anteriores com os índios se resumem em rápidas visitas como piloto da FAB.